ALEGORIAS DA EXISTÊNCIA

MARIUS ARTHORIUS

Marius Arthorius

ALEGORIAS DA EXISTÊNCIA

1ª Edição
Campos Novos
Mario Arthur Favretto
2012

Prefácio

A existência é eternamente dividida entre o nascer e o morrer, o que ocorre entre estas duas etapas são apenas alegorias que criamos para encher o vazio existencial criado por nossas preocupações demasiadamente humanas. Nascer, crescer, estudar, trabalhar, envelhecer, aposentar, morrer. O ciclo que se segue com toda pessoa há algumas centenas de anos desde que a sociedade moderna se estabeleceu.

Faço-vos o elogio da existência, seja vazia ou plenamente preenchida de tolas preocupações, seja curta ou longa, toda existência tem seu fim, assim como todo fim teve seu começo. Adornemos nossas existências com lindas alegorias ilusórias em busca de um viver satisfatório. Trago-lhes as alegorias da existência e da morte.

Marius Arthorius

PARTE I

1

Para além da vida

É onde eu queria chegar

Mas não há como transpassar

Não há como quebrar

A barreira da realidade destroçar

Apenas sigo olhando alheio

O mundo que me rodeia

E só posso rir

Rir e rir

Da tristeza do mundo

Da tristeza social

Aonde todos vagueiam

Com sonhos em suas mentes

Mas nunca podem realmente

Desfrutar de seus desejos

Pois possuem obrigações a cumprir

E você há de admitir

Que poucos conseguem realmente sorrir

Tendo a felicidade diária para sentir

São poucos

Pois a grande maioria

Só pode pensar no dinheiro

Que tem que urgentemente conseguir

Não podem nem refletir

Ou a fome passará a existir

Assim continuar a mentir

Ocultando seus verdadeiros desejos

Longe dos olhos alheios

Esperando e esperando

Até ser tarde demais

2

E o que me importa?
Mesmo que a vida seja torta
Mesmo que em espinhos eu pise
Mesmo que todas as minhas convicções
Estejam erradas
Mesmo que a verdade
Seja bem diferente
Das atuais concepções ideológicas

E o que me importa?
Mesmo que o tempo passe rápido
Mesmo que as dificuldades
Sejam tantas e diversas
Mesmo que o dinheiro
Controle loucamente o mundo
Mesmo que a morte resolva tudo

E o que me importa?
No final estaremos todos mortos
Em toda e qualquer instância
Sem nenhuma discrepância

3

Só há a indestrutível podridão

Corroendo os ossos

Destruindo as sustentações

Amarrado em uma parede

Preso quase que eternamente

Preso somente até que

Seu corpo

Termine de apodrecer

E possa enfim se libertar

Até lá estará preso

Sendo sugado

Pelos vampiros necrófagos

Destruindo teus sonhos

Mesmo após tua morte

Com suas longas trombas de sucção

Vasculham teus recantos cranianos

Destituindo-o

De qualquer resquício

De massa encefálica vivente

Tragam somente a putrefação

Pois nem mesmo a morte

Possui poder para libertar-te

Das correntes que te prendem

Do mestre das marionetes

Que controla todos os teus movimentos

E todos os teus pensamentos

Deixando num mar de sofrimentos

4

Houve tempos imemoriáveis
Tempos tão agradáveis
Eram dias adoráveis
Dias em que a vida
Não possuía sentido
E nenhuma preocupação
Possuíamos para com tal sentido
Apenas acordávamos
E rodávamos o mundo
Um mundo inteiro em nossas mentes
Quando não possuíamos vergonha
De ter devaneios quase delirantes
Nos recantos imaginativos
Que formavam nossas mentes infantis
Quando amigos imaginários
Eram apenas amigos dos lazeres
E não divindades pelas quais
Sacrificarmos uns aos outros

Houve tempos imemoriáveis
Tempos tão agradáveis
Eram dias adoráveis
Que com o tempo

Foram se tornando mais curtos
A realidade alternativa mental
Foi lentamente perdendo a força
Você já não pode mais brincar
Pois o dinheiro você tem que suar
Ou nenhum sonho irá realizar
Só poderá chorar
Tudo em sua mente muda
Você precisa mudar suas ideologias
Precisa se cortar
Para mais forte se tornar
Um caráter
Dizem que isto é necessário
Obrigam-lhe a ter ideologias
Crenças e sonhos de consumo
Medos em comum
Enchem sua mente com ideias abstratas
Explicam-lhe os cálculos
Explicam-lhe as estruturas das frases
Mas ninguém te diz o porquê
Mostram os bolos de conhecimento
Mas não te apresentam as receitas
Impedem-te de degustar
Os prazeres de descobrir o mundo

Houve tempos imemoriáveis

Tempos tão agradáveis

Eram dias adoráveis

Alguma coisa aconteceu

Começamos a perder nossa carona

Deixamos de ser viajantes do tempo

O Presente começa a nos ultrapassar

Vamos ficando no Passado

A sombra do esquecimento

Começa a nos congelar

Deixando suas marcas

Em nossos cabelos

Que tornam-se brancos

As unhas da morte

Lentamente começam a nos arranhar

Nas rugas que começam a se formar

Recado irreparável

De que tudo passa

E nada nunca mais voltará

Tudo que foi

Deixou de ser

Uma lembrança a desvanecer

Ainda vivos começamos a apodrecer

Células que começam a perecer

Tudo nós começamos a esquecer

Os avisos de que vamos morrer

Houve tempos imemoriáveis

Tempos tão agradáveis

Eram dias adoráveis

Com aromas agradavelmente palatáveis

Todo o sonho se desfez

As luzes se apagaram

E o show acabou

Vamos todos

Para este cubículo de madeira

Levemente acolchoada

Trancados eternamente

Na escuridão da terra

Alguns vão chorar

Nem todos irão superar

No final para os outros tudo irá acabar

E sozinhos todos vamos estar

5

Uma ave no céu cantou

No chão o mundo se acabou

Por que a ave cantou?

Para longe ela voou

Nunca mais voltou

A sujeira, insana a tornou

Nenhum ovo sobrou

O ninho despencou

O lar acabou

A ave voou

E os filhotes?

Vê o sangue que sobrou

As vísceras que alguém espalhou

O ácido que alguém despejou

As deformidades das toxicidades

Todo o lixo de nossas cidades

Nenhum ser vivo acordou

Nem o sol se levantou

Causadores de horríveis atrocidades

Nossas mentes são recheadas de perversidades

6

Ah! Mas a mentira perigosa
Esconde-se em todos os lábios
Até na bela rosa
A mentira dos grandes sábios
Destrói amizades
Deixa-nos na incerteza
A mentira do mundo
Nos faz sofrer
E nos faz aprender
A não confiarmos em ninguém
Devemos desconfiar de todo “porém”
Essa mentira é uma lascívia
Em todos nós ela vivia
Todos eles eu matei
Com todos eles eu acabei
E após me enforquei
A corda não mente
A corda não brinca
Agarra meu pescoço fortemente
Meu pescoço ela trinca

7 - Privacidade

Para onde vais?

Corra, fuja

Esconda-se

Sempre haverão

Estes olhos sedentos

Todos querem te observar

Privacidade é passado

Conhecer a vida alheia

Esse é o interesse humano

Querem cuidar do jardim dos outros

E nesta distração

Cheia de obstinação

Acabam esquecendo

Que deveriam estar vivendo

E não da vida dos outros sabendo

Câmeras por todos os lados

Quem precisa de privacidade?

Segurança vale mais do que a liberdade?

Esta sociedade continua cheia de insanidade!

8 –Devaneios

Trago o futuro em meus olhos
E a morte em meu encalço
Trago na face a doença
E na mente a vaidade
Trago na boca a acidez
E na língua palavras rudes
Trago o sofrimento no coração
E na alma...

Esqueci
Não existem almas
Nunca vi, nunca senti
Nunca verei, nem me lembrarei
Nunca precisei e nem mesmo sonhei
Nunca gostei, nem me interessei
Existe apenas a imaginação
Enraizada no coração
Que será esmagado em minha mão

9

O clima tempestuoso
Frio que tenta me congelar
Água que tenta me afogar
Gelo que tenta me perfurar
Catástrofes da natureza
Que tentam me destruir
Logo irão me alcançar
Esses cruéis objetivos
Pois não tenho mais vida
Meu coração está podre
Donde vem esta vida
Sem rumo e perdida
Minha vida
Bela e idolatrada
No coração sempre guardada
Na morte eterna perdida

10

Deitado no chão

O gelo me rodeava

Que mundo cruel

Não, o mundo não é cruel

O mundo é indiferente

Para conosco

A sociedade

Esta sim é cruel

Recheada de amarguras

Triste fel

Nada posso fazer

Para escapar desta sociedade

Nasci nela

Morrerei nela

Congelado nesse gelo

No frio doentio

De aglomerados humanos

Egoístas e corruptos

Criam sistemas

E ninguém pode desfazê-los

Giramos nessa roda de gelo

Até ficarmos tontos

Vomitamos

Aquilo que nos empurraram

Para então sermos lançados ao longe

E cairmos

Para nunca mais levantarmos

Seremos pisoteados

Pois a tropa famélica é extensa

11

Uma eterna escuridão

Assim é a vida

Dos que seguem cegos

Seus caminhos obscuros

Tomados pelos dogmas

Atingiu a maturidade para viver?

Ainda depende da visão paternal?

Para viver na ilusão

De que o mundo pode ser seguro

Ah! É tudo tão humano

Demasiado humano

A natureza crava suas garras em nós

Nos dilacera

Indiferente para com nossa existência

Mas alguns ainda insistem

Em viverem ajoelhados

Procurando proteção inexistente

Fossem ele estudar

Adquirir conhecimento

O mundo seria melhor

Sem tanta dor

Com mais esplendor

12

No alto o sol brilha
Forte e fulgurante
Abaixo, na terra
Os humanos seguem seus caminhos
São como formigas
Andando de um lado para o outro
Cada um em sua casta
E as castas humanas
Cuidadosamente divididas
Conforme sua renda salarial
O fruto do trabalho mensal
As castas menores são abundantes
As castas elevadas são poucas
Uns vivem as custas dos outros
Numa antropofagia cruel
Quem pode pisa sobre os outros
E devora tudo que é possível
Uns vivem de forma invisível
Outros de forma aprazível
Viva, viva enquanto você pode
Pois a morte vem a galope
E nos destrói num único golpe

13

O louco e insano

Que se revolta

Contra a sociedade

O que ele quer afinal?

Causar o juízo final?

Libertar o seu “eu” animal?

Todo comportamento

É tão instintivo

O homem é um ser tão primitivo

Existe algum aspecto positivo?

Talvez exista

Mas em poucos indivíduos

Estamos todos envoltos

Por momentos revoltos

Por que nos importamos com os outros?

Vamos seus loucos e insanos

Tragam o juízo final

Esta história terá realmente um final?

Todo comportamento

É dividido entre o bem e o mal

Depende dos conceitos

Que tu tens para definir

Essas palavras

Mas vejam!

O louco e insano

Se contorce em agonia

Pula para sua morte

Pois não quer mais viver

Com a sociedade

Cansou de conviver

Este agito da cidade

Como posso escrever?

14

O mundo parecia tão grande

Mas agora veja como parece pequeno

Temos ele em nossas mãos

O que houve com sua extensão?

Acabou-se, e gerou aflição

As pessoas só sabem de reprodução

População

Em acelerada expansão

Ah! Meu planeta!

Como tu encolhes

Como gostamos de te devorar

Somos os malditos antropófagos

Matamos e nos alimentamos

De nossa terra progenitora

Ah! Mãe terra, como és sofredora

Dê-nos o teu sangue negro

Queremos espalhá-lo pelos mares

Queremos espalhá-lo pelos ares

Ah! Meu planeta!

Tão meu

Quanto é teu

Onde deus se meteu?

A divindade inexistente

Não quer parar sua progênie

E a mãe terra

Vai sendo devorada por sua prole

Rápido e vorazmente

O banquete antropofágico

A destruição de nosso lar

Criamos os deuses para defender

Nossas egoístas ideologias

E justificar nossa expansão na terra

Para fazermos a sangria incontrolável

Na única casa que temos

15

É hora de morrer

É hora de dormir

A vida te faz saber

Que ela quer é sorrir

Como cadáveres exumados

Não há como se esconder

Para o prato você há de ir

Pois a antropofagia não acaba

Não, ela nunca se vai

E versos não rimam para sempre

Há somente o banquete

O alimento necessário

Palavras sanguinolentas

É tudo que precisamos

Vampiros

Sanguessugas da leitura

Vamos devorar as palavras

Rodopiar e dançar

Em as páginas da morte

É hora de morrer

É hora de dormir

Vai se entupir

Com cada livro que ler

Cada palavra
Um pedaço de carne
Para onde foges?
Tu és meu banquete
Minha carne imaculada
Teu lar é em meu estômago
E do meu estômago
Para a mente
Ah! Que indecente
Estou sempre em tua frente
E você nunca está contente
Pode um morto ser sorridente?
Ossos, isso é tudo que sobra
Os ossos são teus restos
Pois só preciso de tua carne
A melhor forma
De andar na contra mão da sociedade
O maior repúdio de todo humano
Comer seus semelhantes
Antropofagia para todos os sabores
Para todos os gostos
E todas as ocasiões
Devoramos uns aos outros
Através de nossas palavras

16

A morte

O grande fim

È isto que te espera

Destruo tua vida

Despedaçando tua carne

Lábios para quê?

Com a navalha os despedaço

Tu não usas tua boca

Essa língua asquerosa

Que dança com tuas palavras

Palavras fúteis e inúteis

O metal purificará tua língua

Sinta o corte profundo

Que separa de ti este apêndice bucal

Ainda existem sons

Vindos de sua garganta

Para que tu queres falar?

Se é apenas para repetir

O que outros te disseram

E falar de coisas sem sentido

Então usemos novamente

Carne purifica carne

E os ossos rasgam a carne

Perfuram a pele

Causam a dor

Meus ossos causam o teu sofrimento

Meus ossos cuidadosos

Revestidos de esmalte

Brancos como a neve

Logo terão outra cor

Meu ossos, meus dentes

Eis a ferramenta mor

A de agilidade melhor

Para rasgar tua garganta

Te transformar numa janta

Pregas vocais

Rasgam-se em meus dentes

Conexões desfeitas

É a vida que termina

Nada mais de sons

Sem mais barulhos

Apenas os borbulhos

Do sangue que entrou

No caminho do ar

Rumo aos pulmões

Logo irá te sufocar

Alvéolos imersos em aflições

De tuas pregas vocais

Até tuas contrações anais

Sofrer nunca mais

Tua pele deverá ser arrancada

Para que tu possas sentir

A realidade do mundo

Pois nem tudo é feito de sonhos

Teu corpo dança

Despejado no chão

As ultimas contrações

Espasmos musculares

Último resquício de energia

Que tu tantos desperdiçasse

Ao longo de tua curta existência

Nesta vida curta

Tudo se torna efêmero

Quando tu encontras

Os meus dentes despedaçando

A carne de teu pescoço

A carne de teu rosto

O gosto é tão horroroso

Mas verdade é uma só

Tu é alimento

Alimento dos vermes

E das simples bactérias

É o que todos nós somos

Teu corpo já não tem vida

Nem sangue

Nem carne

Apenas ossos

Que jazem no chão

Aonde tantos já morreram

Teus átomos se desfazem

Voltam para a terra

Para formarem coisas mais úteis

Do que tua vida de anos fúteis

17

A casa se desfez

O solo apodreceu

A escuridão reinou

E todos morreram

Com o sol bloqueado

Os mares destruídos

O fim estava próximo

Assim eles foram avisados

Nada fizeram para mudar

Seus tolos comportamentos

Hoje só existem tormentos

Os atos do passado

Criaram este presente

Apenas para descobrir

Que não existe futuro

Para mais ninguém

Nem sonhos

Nem alimento

Somente um abraço

Com a noite eterna

Envoltos pela terra

O fim desta guerra

18

Ah! Eu morri

A minha vida deplorável

Eu mesmo destruí

Esta carne maleável

Para o inferno eu subi

Local cheio de figuras sacras

Vieram com suas amarras

Num trono distante

Vazio como antes

A marca de um podre semblante

Esse paraíso e seus habitantes

Destroçados pela oração

As mãos grudadas

E as palavras foram ditas em vão

Vidas acabadas

Em batalhas armadas

Em livros antigos

Palavras foram escritas

Pediam a morte

Daqueles que pensassem

De forma diferente

E acreditassem em outros deuses

Agora eles morreram

Mataram uns aos outros

Grudaram suas mãos

Em perfeita oração

Envolvendo os cabos das armas

E despejaram a munição

Na carne de outra nação

19 – O preço da sociedade

Nascemos para vida

Esperando a morte certa

Tantas preocupações

Abalam a nossa curta vivência

Fatos que se passam

Em alguns quilômetros quadrados

Destroem nossa tranquilidade

Fatos que acontecem

Em alguns anos

Nos deixam ser dormir

Tolas preocupações

Nada significam

Nada representam

Perante o gigantesco universo

Nada são

Perante a extensão do tempo

Somos seres egoístas

Achamos que nossos minúsculos territórios

São o próprio universo

Defendemos com nossas vidas

As fronteiras imaginárias

Que os governos criaram

Criamos nossos cercados

E o chamamos de pátria

Nos confinamos em nossos estábulos

Denominamos ele de casa

Queremos tudo tenha um valor

Tudo tem seu preço

Do conhecimento ao sentimento

20

No horizonte infinito
A sustentação do mundo caía
Os sonhos se despedaçavam
O tempo se desfazia
O destino certo
O caminho do futuro
O universo se desfará
Toda vida terminará
Pois tudo tem seu fim
Tudo que iniciou
Possuirá um encerramento
Na calma ou no tormento
Todos seus desejos
E todas as suas aflições
Todo esforço e toda preguiça
Será tudo em vão
Tudo se perderá
No grande abismo obscuro
Que é o nosso universo
Todo sofredor e todo ganhador
Nada significarão
Tudo terminará
O universo será uma grande escuridão

E nós seremos poeira

Vagando sem rumo

No vácuo eterno

21

As sombras negras
Envolvem a vida humana
O corrupto ser humano
Há esperança para a sociedade?
O mundo gira como um peão
Ao redor do caloroso sol
Somos impulsionados no vácuo
Da Terra vieram nossos átomos
Nossa grande mãe Terra
E para ela retornarão nossos átomos
Do universo veio a Terra
E da Terra viemos
Para eles retornaremos
Quando todos nossas lembranças
Se destruírem
Quando todos os sonhos se apagarem
O universo é alheio a nós
Vamos todos
Todos para nosso futuro
Vamos apressá-lo
Sim!
Que a corda abrace
Nossos pescoços humanos

Que a corda aperte

Nossa traquéia

Paremos de consumir

Os ares puros deste mundo

O único lugar

Em que podemos viver

22

Salgadas são as lágrimas

Que escorrem em minha face

Olhos cegos

Destruídos, lacerados

Vertentes de sangue

Em minha pele rasgada

Lágrimas e sangue se misturam

Diluem-se, dissolvem-se

Um grito na escuridão

Um choro na solidão

Mais um esquecido

Morrendo em algum canto

Perdendo-se em abismos mentais

Nos quais ninguém deveria entrar

Se quiser sair com plena saúde mental

Perdendo-se em lamúrias

Afundando na lama

Sem conseguir ver o que há acima dela

Vendo a podridão por todos os lados

Sem saber que acima há vida

É difícil se livrar da sujeira

E das angústias suicidas

Quando se vive imerso num lamaçal

23

E assim como um dia que acaba
Minha vida foi levada
O suporte de minha vida
Foi roubado
Pelo incansável tempo
Que me persegue implacavelmente
Incansavelmente, rotineiramente
Desde o início de minha existência
O fim da minha vivência
Destruição da consciência
Uma data marcada
Desde antes de meu nascimento
Isso já era certo, o falecimento
Quando a morte veio do firmamento
Restou-me um pensamento
Diante da morte
Pude eu refletir
Vivi eu tudo que deveria viver?
Disse tudo que deveria dizer?
Fiz tudo que deveria fazer?
Neste pensamento o medo surgiu
E por completo me engoliu
Pois percebi

Que morri sem ter vivido o suficiente

Sem ter feito tudo que tive em mente

24 – O abismo da morte

Eu despenquei no abismo da escuridão

Para dele nunca mais sair

O sangue em minhas mãos

Sangue da vida que terminou

A gadanha a ceifou

Aqueles olhos me hipnotizavam

Me atraíam para este local

Uma olhar sem vida

Um olhar sem dor

Segui o caminho dos ancestrais

Todos os caminhos

Tiveram o mesmo destino no final

Não havia nem bem e nem mal

Não havia deus, diabo ou qualquer outro animal

Apenas o abismo da escuridão

No qual todos nós permanecemos após a morte

Eu segui aqueles olhos

Havia passos no caminho

Muitos passos apagados

Outros eram recentes

Passos de adultos, passos de crianças

Todos nós vamos para o abismo

Havia marcas de rastejo

Das crianças que asfixiaram com leite materno
Ou daquelas que morreram no berço
Outras morreram antes de nascer
E nunca descobriram o que é amor materno
Nunca viram os rostos de suas mães
Agora rastejam para este abismo coletivo
Pois a deidade não conseguiu largar seu egoísmo
E proteger os inocentes e indefesos
Eu segui aqueles olhos
E pude ver o quão efêmera é a vida
Despenquei no abismo
Vi tantos que como eu
Caiam eternamente
Na completa ausência de sentidos
Nem dor, nem choro
Nem felicidade, nem sorrisos
Se na vida por tudo sentimos
Na morte não há nada o que sentir

25

O conforto veio da morte
Deste trono de ossos
Acumulados durante décadas
Que formaram este colchão
Rígido e deformado
Sobre o qual jaz minha carcaça
Aqui e ali
Algum pequeno animalejo
Devorando os restos
De algum desavisado
Que como eu
Acreditou que existiam almas
E desejou ser abraçado pelo fim
Na tentativa desavisada
De ter sua alma levada
Para uma terra mais amada
Todos esses restos e nenhuma alma penada
Logo eu serei carne devorada
E nenhum alma escapará da carcaça enterrada

26

A dor ampara nossas alegrias

Enquanto a boca cheia de vermes

Regurgita preces falsas

Para os mortos que não voltam

E no leito da morte

A única amiga que encontramos

É a dor

Que nos faz perceber

A presença da vida insolente

Tão sofrida para o doente

E tão sem graça para o indolente

Quando paramos de sentir

Nossas adoráveis dores e angústias

É sinal de que deixamos de viver

Nada mais poderemos sentir

Nada mais para refletir

Sem reencarnação para tudo repetir

27

Os que apodrecem e se desfazem

Mesmo com a morte

A vida continua

Não a vida humana

Mas a vida em si

Invertebrados e bactérias

Se alimentam às escuras

Essa é a vida que continua

Se a doença não teve cura

E por deus você procura

Só encontrará amargura

No saber há esperança

Mesmo que este

Não tenha todas as curas

Mais vale o saber

Do que rumar para as catacumbas

No interior dos túmulos

A morte é tão absurda

Só fazemos é morrer

As vezes até sem crescer

E sem nem mesmo envelhecer

É com o morrer

Que iremos adormecer

Ou às vezes amanhecer

Tudo para podermos apodrecer

28

O inferno é minha casa

A vida me foi ofertada

E eu a perdi

O fogo será minha moradia

Nas chamas eternas das lamúrias

Eu queimarei

Eu sofrerei

Onde está esse inferno?

A própria vida

Não passa do chamado inferno

Nós nunca encontraremos um paraíso

Só temos essa vida

Na qual somos corroídos

Pelas agruras universais

Pois somos apenas animais

Nada mais

Vida eterna jamais

Minha casa é sua

O inferno é nosso

Ele aqui está para nós

Queimemos

Pois nossas lágrimas serão em vão

Nossos sonhos se destruirão

29 - Alegorias da existência

As vezes eu quero chorar
E às vezes eu preciso morrer
Alguns erros eu quero esquecer
Já aprendi o que tinha que aprender
As vezes não quero viver
E às vezes preciso me lamuriar
Um morto sente alguma coisa?

Com tantas ideologias
Por quais eu deveria me sacrificar?
Vou lá eu saber
Uma ideia abstrata vale uma vida

Em meio a tantas simbologias
Sem rumo eu quero caminhar
Talvez até me perder
Entre os restos de uma existência destruída

Fazemos tantas alegorias
Para disfarçar o destino que há de chegar
Ocultar o fato de que qualquer um pode morrer
E dentro de alguns anos será uma vida esquecida

30

Quem é você
Para você mesmo?
Nascer ou morrer
Tanto faz
Sem nem mesmo saber
Que somos símios
Macacos dançantes é o que somos
Não queremos ver
Que somos animais
Achamos feio ser animais
Cultura estagnada

O belo é sermos
Nós mesmos
E não negarmos
Nossos belos antepassados
Macacos puladores
Que saltavam de galho em galho
Hoje somos macacos dançantes
Somos animais
Que pululam em suas colônias
Somos animais
Primos de todos os outro seres

31

Eu sou o verme
Que rasteja nesta terra podre
Esquartejado e ensanguentado
É melhor ser verme
E rastejar livre
Do que ser um humano
E viver aprisionado
Quando criamos a sociedade
E todas as boas coisas dela
Acabamos com nossa liberdade
E nossa criação nos dominou
Hoje já não vivemos
Sem a insana sociedade

Da doce animalidade
Quando não existia nenhuma cidade
E tudo era adversidade
É disso que sinto saudade

32 - Ascensão e Queda

Como saber se chegamos ao topo

Se temos medo de subir

Pois sempre achamos que vamos cair

Nesta condição, como posso sorrir?

A vida cansa

E a vida me aborrece

Tudo isso me enfraquece

Tudo isso me entristece

Nos ensinaram a sonhar

Mas não nos ensinaram a lutar

Nos ensinaram a desejar

Mas não nos ensinaram a conquistar

Ridícula é a esperança

É necessário morrer

Dar um fim nesta dança

Fazer uma mudança

Pela morte eu vou procurar

Para então me enforcar

Em suas longa trança

O pensamento positivo se torna uma ilusão

Pois sonhar demais só trará mais dor

Sempre é bom ter os pés no chão

E ver qual o real caminho a seguir

Para que não venhamos a cair de um alto penhasco

Por não termos visto o caminho

Quando estávamos com a cabeça nas nuvens

33

Vem de encontro com a vida

Terras obscuras de fogo e tortura

Sofrimentos não mencionáveis

Com tantos atos abomináveis

É a desgraça da guerra

Que chega por ar, mar e por terra

A paz é algo instável

Implica em uma estabilidade inalcançável

Enquanto o mundo for mundo

E a enquanto a natureza humana

Não mudar por completo

Nunca haverá uma mudança brusca

Sim, muito já melhorou

Mas ainda há muito para ser feito

A roda gira

E muito desta estrada

Ainda precisa ser aperfeiçoado

Para que trafeguemos mais tranquilamente

Sem termos que apelar para os seres imaginários

Que vivem em nossas mentes

34 - Tempo destruidor

A eternidade é o instante
Que nunca passa e nunca avança
Fica sempre sendo, apenas um segundo
Um pequeno milésimo de segundo
Onde gira este mundo

Meu coração sangra transpassado
Com a seta do tempo que tem me ultrapassado
Meus pulmões tentam respirar, mas todo ar é passado
Não há como andar para trás
O que foi já acabou, morto e enterrado jaz

Meus olhos querem ver o que há adiante
Não há nada além do instante
No futuro há a névoa obscura constante
Que me obriga a avançar de forma lenta
Pois a rotina nos engana
Só por que até agora o sol sempre renasceu
A cada novo dia que surgiu
Não significa que amanhã ele estará lá
Se hoje aqui estou
Escrevendo estes versos deformados
Amanhã já posso não estar mais

35

Não me deixe cair no esquecimento
Segure em minha mão enquanto ainda existo
Meu nome se apagará das lembranças
Tão logo o tempo chegue ao fim
Serei eu apenas mais a ser esquecido?
Serei eu enaltecido?
Terei algum verso reconhecido?

A vida é uma confusão
Às vezes parece até um grande vulcão
Pronto para entrar em erupção
Nos deixando com uma única opção
Explodir junto com tudo em aflição
Perco toda a percepção
Da realidade que me enche de emoção
Sentimentos bons e ruins
Um eterno conflito
Que se apossa de minha mente
E quase me deixa demente

36

Rasteje e rasteje
Tal qual verme intestinal
Controlando nosso organismo
Devorando-nos lentamente
Privando-nos da comida
Ah! Triste morte sofrida!

Não festeje
Pois não temos o prato principal
Para nosso banquete de canibalismo
Queremos um verme em nossa frente
Ou uma pessoa esbaforida
Pelas doenças já toda destruída

Não fraqueje
Não há anjo e nenhum divino sinal
Neste mundo do imaginário maniqueísmo
Ninguém nunca fica contente
Mesmo que tenham a felicidade tão querida
Logo já vêem como ultrapassada e enfraquecida

37

Morte inacabável e inabalável
Derrubando toda existência
Sempre com sua paciência
É ágil com sua experiência
Curve-se diante da grandiosa e imaculada
Rainha da benevolência

A vida pelo mundo se espalhou
Muitos filhos a terra já gerou
Muitos seres evoluíram
E muitos se extinguiram
Por meio de garras e dentes no grande abatedouro
Já sabemos que nem tudo que reluz é ouro
Assim a reluzente vida se mantém
Mas nenhum indivíduo ela retém

Muitos consideram morte e vida
Como uma dualidade
Como duas forças opostas
Mas se enganam
Afinal, uma não existe sem a outra
Pois ambas são a mesma

38

E foi assim

Como a noite que termina

Chegando ao seu fim

Gradualmente transformando-se em dia

Assim que eu encontrei enfim

Aquele fim

Que de longe veio até mim

Da escuridão

Adentrei os domínios da luz

Somente então percebi

Que quem vive no escuro

Nas sombras dogmáticas

Por vezes demora para se adaptar

À presença da luz do conhecimento

Isso quando não passam

Demasiado tempo na escuridão

E quando estão diante da luz

Já nada mais conseguem ver

Pois ficaram completamente cegos

E fixos aos seus mundos mentais

De sonhos e fantasias imaginárias

39

Admirei o fim que chegou

Após o fim do fim o que surgiu?

Alguém teve alguma opinião

E então finalmente se insurgiu

Todo que ser que viveu apenas engoliu?

Como um ser morre

Encontrar o fim

Se nunca nem mesmo refletiu

Sobre o que fez, o que não fez e sobre o que sentiu

Se temos a liberdade queremos a ditadura

Se temos a ditadura queremos a liberdade

Fugimos de toda dificuldade e agrura

Nos afogamos em nossa mediocridade

Nós ultrapassamos os limites?

Ou foi o ditador que nos oprimiu?

Se nada vida porta para você se abriu

Há uma porta que até lhe sorriu

Apenas você que não percebeu

A morte é a porta

Que se abre a todos

A morte é um coração de mãe

Sempre está disposta a receber mais em seus braços

40

Da desgraça veio a vida
E da felicidade veio a morte
Ó universo caótico
Que nos constrói
E em seguida nos destrói
Pequenos somos
Diante do vasto cosmos

A existência se torna enfraquecida
E morte se alastra a partir de um corte
Como viver neste ambiente caótico?
Se a estagnação nos corrói
E a inércia existencial se apossa de todos e tudo dói
Símios nós sempre fomos
Nosso DNA não esconde o que herdamos

E assim tudo segue
Toda a existência e inexistência
Gira e rodopia, dança e pulula
Ao redor do mesmo centro
Não como opostos
E sim como parte unificada de um todo

41

Do crescimento radicular
Desse mal humano que há de se propagar
Somos os senhores da pestilência
Vamos destruir toda a existência

Um longo período de floração
De nossa grande civilização
Consumismo fora de controle e crescendo
Após nossa morte o mundo continuará sendo
O que foi e sempre será

Da terra para a mãe Terra
Ciclos biogeoquímicos mais que centenários
No qual surgiram tantos mercenários
Para habitarem todos esses diferentes cenários
Na sociedade foram aprisionados como canários
Presos aos seus atos rotineiros e diários

42

O inferno humano em terra

É a malévola ignorância humana

O ego humano que tanto atazana

Roendo a vida como uma ratazana

O respeito é uma alma inexistente e profana

Facadas e trapaçarias

Muito mais do que tu esperarias

É isso que tu vai encontrar sem demora

Um sorriso em um momento, uma pedrada em outra hora

A mão aparentemente amiga é a que te mata e te devora

Vida agitada e cheia de especiarias

Tempero para os gostos, das montanhas às pradarias

São todos iguais

Invejosos das alegrias

Querem devorar os felizes, certo e dignos, parecem loucos canibais

Essa é a receita mágica para viver

E nunca será possível realmente entender

O que é necessário para sobreviver

Com essas pessoas insanas

Hipócritas, só isso nada mais

43

O adulto ou a criança
Recebem todos a mesma herança
Perdidos num mundo e sem esperança
Deitados sobre a ponta de uma lança
Vivem sem rumo, não conhecem o caminho

Histórias antigas e desconexas
Mais distorcidas do que reflexos de imagens convexas
Isso são o que ensinam os antepassados
Cultura retrógrada
Mitos alucinógenos causados por comida estragada

Encheram as mentes antigas
Com deuses, fantasmas, criaturas e cantigas
Conceitos que hoje só geram desrespeitos
Para com as opiniões diferentes
Pois ninguém quer estar errado
Todos querem ser os donos da verdade
E não admitem alterações em seus pensamentos
Mesmo que estes só gerem tormentos
E tantos outros inomináveis sofrimentos
Que marcaram a história humana
Por culpa daqueles

Que matavam por suas ilusões

E não souberam viver

Aperfeiçoando o seu pensamento

44

A morte veio e abraçou-me

Derrubou-me ao chão

Fui tomado por comoção

Mas creio que eu mais parecia um cão

Tamanha era a minha aflição

A paralisia tomou meu coração

Num leva lampejo de morte

Tudo estava acabado

Uma obra não terminada

Nem me pediram se eu queria morrer

Apenas decidiram que eu não deveria sofrer

Não pude falar, nem questionar

No mundo dos sonhos eu estava

Enquanto a máquina alguém desligava

Cansaram de me ajudar

Desistiram de mim

Desistiram de me fazerem viver novamente

Assassinato

Fui morte sem meu consentimento

Pois estava preso à máquinas

Que me mantinham vivo

Eu nada podia dizer

Tentava

Mas meu cérebro não funcionava por completo

Assim vi eles me matarem

Para dinheiro não gastarem

As máquinas eles desligaram

Foi meu último suspiro

45

A vida em sociedade

A rotina de estar inserido na manada

Faça igual e logo levará uma paulada

Reino da igualdade

Mas cadê a individualidade?

Posso eu pensar por mim mesmo?

Como posso sobreviver num meio destes

Sobreviver na forma de podridão

Na decomposição de minhas vísceras

Espalhas sobre a terra

Um cadáver, uma pessoa morta

Para adubar a sua grandiosa horta

Alimentar essa irracional horda

Para que no século não amanhece morta

Uma coisa é certa, continuará a ser torta

Eternamente rastejando

Sem num ver o amanhecer

Assim prossegue essa massa conjunta

Ascensão tecnológica

Mas na mente da população há a morte da lógica

Racionalidade

Perdeu-se em meio à mediocridade

46

Ganância deturpada
E a ambição descabida
A roda precisa girar
O capital deve rodopiar
Girar de mão em mão
No final nada temos
E tudo perderemos

A boca não pode ser tampada
Crianças berram por comida
O não tem como as alimentar
O sistema monetário precisa continuar
Ninguém quer abrir a própria mão
Mais igualdade social, conseguiremos?
Liberdade de pensamentos, alcançaremos?

Mentes tão fechadas
Culturas que não aceitam as diferenças
Crenças que querem impor respeito à força
Mas não possuem capacidade de respeitar outras crenças
Choro pela sofrimento que as gerações vindouras
Encontrarão em suas insanas manjedouras

47

Como o mundo se torna belo
Ao entendermos a evolução
E aprendermos como as coisas realmente são
O coração bate em intensa emoção
Pois a cada ser vivo que observa-se
Fica-se a imaginar os longos processos
Que a linhagem deste ser sofreu
Para chegar até onde está atualmente
O parentesco entre todas as espécies
Conectados por ancestrais
Soterrados há milhões de anos atrás
Uma grande família
Vivendo no único lar que podem habitar
E do qual nem todos sabem cuidar
Não sejamos as ovelhas negras
A destruir toda a aleatoriedade caótica
E toda a luta pela sobrevivência
Num mundo que já difícil por si só
Não compliquemos as coisas
Para todos os demais seres vivos

48

Os vivos escarram sobre o solo
Mas tão logo morram
O solo se torna seu caloroso lar
Uma casa misantrópica
Com sangue festejando
Apodrecendo e escorrendo
Sobre as faces semi-digeridas
O cheiro intestinal infecta o ar
Inalado constantemente
Pelos vivos que paralisados
Imploram aos deuses
Para não terem o mesmo destino
O choro de uma criança logo começa
Um misto de tristeza e raiva
Toma conta de todos
Acham que o barulho
Vai incomodar o morto
Mas seus ouvidos
Se desfazem em viscosidades
Que deslizarão sobre a pele
Alimentando vermes e outros seres
Consumido pelas pequenas criaturas
Os mortos viram grotescas caricaturas

Sorriem eternamente

Livre dos sofrimentos e angústias da vida

Presos na eterna escuridão do inexistente

Para nós resta o cheiro agridoce da morte

Enquanto moscas voam sobre nossos corpos

A morte é festa para os animalejos que ainda vivem

49

O vento da morte
Sopra em minhas costas
Gélido e azedo
Desliza sobre minha pele
Vem do futuro que nos espera
A besta abre sua boca
Esperando seus próximos quitutes
E os humanos se retorcem em inquietudes

Em meio à escuridão
Os dentes afiados parecem luzes
Guiando os desavisados
Que correm para a falsa claridade
E caem nas garras da morte eterna
Se desfazem numa decomposição caótica
Percebendo que tudo foi ilusão de ótica
Na garganta da morte eu vi
Seres mastigados pela dor
Fetos que deus enforcou
Com o cordão umbilical
Antes mesmo que nascessem
A criança que perdeu os pais
E perdeu-se sozinha no mundo

Os pais que tiveram os filhos mortos

Por doenças que a divindade se recusou a curar

Castigo de pecados?

Pecado é apenas mais um conceito

Criado pelos homens para controlar outros homens

Relativo e variável em cada povo

50

A pele rasgada e esticada
Sendo arrancada do corpo
Que ainda se move em plena agonia
Arrancando a pele como se uma roupa
O ser grita e esperneia
Acorrentado
Sentindo na pele
A sua própria morte
Olhares de medos
Olhares de prazer
A faca ajuda a separar
A pele que tenta resistir
Tudo é em vão
Não há como escapar
Cortes e mais cortes
O sangue, a dor
Vermelho por todos os lados
Enchendo bacias
A pele arrancada
Recobrindo a pele macia
De mulheres vaidosas
Que não possuem opinião própria
E nem a plena capacidade de raciocínio

51

Cada passo se arrasta

Pesado e lentamente

A carga do passado

Empurrando o futuro

Que fardo pesado é a vida

Vamos prosseguindo

Subindo nossa montanha

Queremos o topo

Alguns preferem a base

A base não nos oferta visão

Nem ares frescos

O topo é muito íngreme

E caímos facilmente

A meia altura

É o local, assim falou Nietzsche

Em que teremos a melhor visão

E nos livraremos da aflição

E de qualquer tola preocupação

52 - Vida não vivida

A morte é o benefício esperado

De um futuro acabado

E de uma vida não vivida

Ali se encerra uma vida suicida

Muito pior que o homicida

Muito mais horrenda

Que o difamado suicida

É a morte do que viveu

Sem realmente viver

Este nunca nasceu

Nem mesmo soube que cresceu

Pois a existência ele nunca percebeu

Uma pessoa feio ruínas

Sendo esquecida e destruída

Pelas presas devoradoras do tempo

O tempo insano, senhor do profano

Senhor de toda a existência

Até aquele que não vive

E não conhece a realidade do tempo

Até esse

O tempo grotesco

Destrói calma e lentamente

O tempo é um vírus ou um câncer

Que se espalha e nos desgasta

Só o percebemos quando é tarde demais

E então não há mais como retornar

Pois desperdiçamos nossos recursos

Com coisas fúteis demais

53

Meus ossos são repartidos

Entre os famélicos e os mortos

Sustendo da decomposição

Meus ossos, pilares de reinos desconhecidos

Onde vermes travam batalhas

Pela sobrevivência

E os humanos insistem em preservar

Os seus mortos

Evitando a decomposição

Riem dos egípcios e suas múmias

Mas hoje fazem o mesmo

Constroem túmulos enfeitados

Caixões ainda mais

É a cultura do antigo Egito

Absorvida na atualidade

Talvez eles pensem que os mortos

Ressuscitarão com suas carnes pútridas

Tola esperança

Não adianta valorizar uma pessoa

Após ela já ter morrido

Isso deve ser feito em vida

Depois da morte nada há

E ele nunca retornará

54

A raça humana tem sérios problemas

O convívio em conjunto

Muitas pessoas em uma mesma área

Corrupção, duplicidade ideológica

Faz tudo parte do jogo

O jogo por sobreviver

Nesta violenta sociedade

As pessoas fazem de tudo

Para estarem sobre as outras

Mas a sujeira pesa sobre o corpo

E logo quem subiu por meios corruptos

Cairá com a pessoa de sua sujeira

É um fardo pesado

Um fardo visível

É difícil continuar limpo

Em meio a tantas pessoas sujas

Por isso temos que voar

Temos que nos elevar

Procurando ares mais puros

Com novas paisagens

Sem tantas chantagens

55

Um grande rebanho

Pastando alegremente

Só para alimentar

O estômago do pastor

Um pastor

Só cuida de seu rebanho

Pois precisa dele

Precisa tirar algum lucro

Alguma necessidade dele

O rebanho sobrevive sem pastor

Pois já estava em seu ambiente natural

Antes de o pastor tê-los aprisionado

Já o pastor sofre sem seu rebanho

Pois não terá carne tenra

Nem recursos extras

Assim foi

Assim é

E assim será

56

O que vem antes é o que vem depois
E o que vem depois é o antes
Como saber afinal a ordem das coisas
Se elas não são determinantes

Se a vida é um erro da morte
Como ser o que era antes?
Veja só estas pessoas que correm afoitas
Elas querem o que vem depois
Mesmo que para isso tudo tenha que acabar antes
Mesmo que elas percam seus entes
Ela ainda vão preferir entrar no depois
Carregando todos os míseros dentes
Ora, pois!
A morte não pode ser a dois

57

Deixem-me em meu caixão
Abandonem-me no esquecimento
Enquanto meu corpo desaparece
Cansei da humanidade
Essa grande enfermidade
Que tem assolado o planeta

A humanidade procurou muitos desvios
Desviou tanto os seus caminhos
Que acabou por se perder
Chegou a lugar nenhum
Não tem mais sentido algum

Os atemorizados procuram por deuses
Mas não nunca houve nem mesmo um
E nesta busca por deidades
É que a humanidade se perdeu
Pois esqueceu seu caminho natural
Estavam todos desejando o sobrenatural

58

De braços abertos para a eternidade

Com as pernas presas aos cordames existenciais

Dependurado sobre a boca do dragão

Olhando a infinita escuridão cósmica

Caindo no vazio

Colisões com partículas subatômica

Um átomo nada é sozinho

As interações é isso que ele necessita

Amplas e complexas interações

Formando os complexos sistemas

Que mantém a dinâmica universal

Átomos que colidem com meus átomos

Células que matam células

Células que devoram células para sobreviverem

Vagam caindo no vazio cósmico

A Terra caindo no cosmos

Girando em meio ao caos

59

A desgraça alheia da vida

Em que um não vale um

E muitos são transformados em gráficos

O valor do indivíduo se perde na multidão

Quando todas as preocupações

Que insistem em te deixar sem dormir

Nada representam para ninguém

Seu estado emocional

Não interfere no curso das coisas sociais

Cansou-se?

Você é apenas uma peça de tabuleiro

Num jogo de xadrez em que você nunca será rei

Você cai e logo outro vem atrás

Uma peça da máquina

Se você estragar

Basta alguém te trocar

E tudo volta a andar

60

Quem vai discordar?

Do que a moda mandou usar

Do que o padre mandou rezar

Do político que mandou nele votar

Do sistema que te forçou a trabalhar

Da economia que te obriga a comprar

Da sociedade que te força a lutar

Da guerra que te obriga matar

Das fronteiras que te mandaram inventar

Dos preconceitos que o povo te forçou a usar

Dos dogmas que em que a religião de forçou a acreditar

Do dinheiro continua a nos escravizar

Quem vai discordar?

Quem vai pensar?

Quem vai fazer a coisa toda mudar?

61

Em minhas mãos

Havia a vida

Reluzindo e pulsando

Um coração ensanguentado

Esse mundo não muda

Uma vida roubada

Com plena tristeza difamada

A dor se espalhando pelo corpo

Arrebentando a carne

A vida desaparece

Sendo soprada ao vácuo

Como vento no deserto cósmico

Espalhada entre o pó

Estendendo-se para o horizonte infindo

62

Escrever, escrever e escrever
Ninguém vai mesmo ler
Para que sofrer?
Palavras para mim mesmo
Poemas do autor para o autor
Ah! A vida às vezes é um horror
Quantos caminhos
Quantas escolhas
Quantos desvios
Um mesmo final para todos
Sofremos demais
A sociedade consome nossas energias
Enfraquece nossas mentes
O esforço diário
A luta pelo mínimo salário
Estabilidade, eis o que desejamos
Instabilidade, eis o que encontramos
Comentar, escrever, pensar, criar
Criações só servem aos criadores
Para o todo são frutos de amadores

63

Música, essência da existência

Inspiração para a vida

Estimuladora da imaginação

Alivia os sentimentos exaltados

Um verso cantado na forma de um grito

Liberando a raiva presa no corpo

Um solo de guitarra melodioso

Aceleração do coração

Felicidade correndo no sangue

Música, força da existência

Filosofia sonora

Conhecimento através dos ares

Ideias surgem, ideias fluem

Tranquilidade originada do *heavy metal*

Uma das mais elevadas criações da cultura humana

Só mente apuradas conseguem aproveitar

Toda a beleza e complexidade de tal som

64

Tempos que se vão

Tempos que vêm

A vingança tamborila

Dançando pelo corpo

Sangue, lâmina, dor

Purificação da justiça

Mãe de toda a injustiça

Moralidade da insanidade

Pleno fruto da desvalorização

Dos mutáveis reais valores

Portadores de tantos dissabores

Origem de todas as dores

Purificadoras da vida

Corte, hematoma, sofrimento

Tempos que não curam

O tempo nada cura

O esquecimento é que cura

Por que não tive amnésia?

Apoptose, será a milionésima

Uma lâmina afiada

Eis a melhor amiga do homem

Não o cachorro

Este não presta o socorro

Que vem por meio da dor

Choro, coagulação, alivio

Delírio

64

Vida que não prossegue

Esse mal que te persegue

O demônio que não sossegue

Pois assim nada se consegue

O jogo está entregue

As peças da vida caem por terra

Como prosseguir?

Como persistir?

Toda a vida há de cair

A dor todos irão sentir

Pois não soubemos jogar

Nossas estratégias não conseguimos mudar

O mundo logo irá se acabar

65

Venham a mim os mortos

Que sobem pelas raízes

Dessa árvore morta e toda torta

Arrastando na cálida noite

Sobre este solo pedregoso

Local em que sopra esse vento arenoso

Carregando consigo

Os restos dos mortos andantes

Viajantes da eternidade

Átomos que se separam

E se deslocam para o solo

É a destruição

É a ambição dos vermes devoradores

Sugando todas as entranhas

Entupindo-se gulosamente

Até explodirem em êxtase luxurioso

E a árvore cai com o peso dos urubus

Que aguardam o troféu saboroso

O enforcado, pendurado

Nos galhos da árvore seca e retorcida

Comida para urubus

Nada sobra, nada resta

Ciclos, ciclagem, morte

Decomposição, a química reação

66 - Sangue e Dor

O sangue e a dor
Fluem em constante harmonia
Vertem da fonte inacabável
Em uma orquestra inabalável
Em que instrumentos são ossos
Ossos e cadáveres
Que perderam seus caracteres
Meus ossos se quebram com a vida
Meu sangue rega jardins alheios
Vampiros é que os seres sociais são
Todo sangue eles tomarão
Para tentarem tornar suas mortes
Mais despercebidas para eles mesmos
Numa tentativa fracassada
De mudar o passado
E mascarar a dor reservada ao futuro
Pois não possuem capacidades próprias
Parasitas extremos
Isso é o que aqui temos

67

A raiva que apaga a razão

Músculos que se contraem

Em consciente convulsão

Impulsionados pelo instinto

Aguardando a carne tenra

A ser dilacerada pelos dentes afiados

Carne humana, carne doce, carne imaculada

Devorar cada parte

Não esquecer de raspar os ossos

Eis a receita da refeição

Carne vermelha

Úmida de sangue

Tingindo a vida com o alimento

Disposto gratuitamente em nosso prato

É a necessidade que nos livra da inércia

A fome com toda a sua peripécia

Saciada com a morte de algum ser humano

Prato cheia, comida farta, fome saciada

Carne digerida, carne dilacerada

68

Conceitos, conceitos, ideias fixas

Não, nunca mais

Sofre menos aquele que entende

Que a vida não é fixa

Que tudo no universo

Está sempre se modificando

Algumas mudanças são cíclicas

Outras são contínuas e irreversíveis

As pessoas querem que tudo seja igual

Querem estabilidade e desejam ser seres divinos

Mas somos animais

E a instabilidade caótica molda nossas vidas

Não há como mudar tal realidade

Pois não poderia haver

Uma realidade mais bela

Do que esta em que vivemos

69

O gatilho

O disparo

O fogo

O som

Cortando o pequeno

Espaço de ar

Já sabe quem há de acertar

A dor

O rasgo

O sangue

Mais dor

O fim do triste sofredor

Vida que termina

Envenenada ela te elimina

Nada mais combina

Assim prossegue a inexistência

A colônia de moléculas

Se desfaz ao vento

Soprado pela morte

70

Com os órgãos arrebentados

Espalhados ao meu redor

Vomitando sangue incansavelmente

Destruindo minha mente

Tremores e espasmos

O frio cortante

Mesmo em um dia ensolarado

Eu já estou acabado

Aguento o quanto eu posso

Negando o momento

Tentando ignorar a morte

Que me beija incansavelmente

Destruindo-me

Rasgando minhas vísceras

Bebendo os fluídos de meu corpo

Morte, destruição, fragmentação, entropia

Maldita aflição

Entregue-me aos mortos

71

Destruindo a terra
Seguiu assim o ser andante
Vivendo seu inferno
Pior que o de Dante

Com fogo, fumaça e doenças
Sabia que deus não existia
Sabia que o diabo também não haveria
Criaram na terra seu inferno
Pois não conseguiram viver
Em harmonia com a terra
Queriam mais
Sempre mais
Mataram todos os animais
Queimaram todos os vegetais
Restos que não descansam em paz

72

Morte divina

Que dilacera meus pensamentos

Destrói minha vida

Sofrimento mundano

Que me torna insano

Dias e noites

Passam imersos em agonia

Incertezas constantes

Manto da escuridão

Que veda meus olhos em aflição

Asfixio-me com essa mortificação

A vida se transforma numa eterna humilhação

Arrasto-me nesse chão

Nada obtive da santa veneração

Migalhas de pão

Que mais fazem sofrer

Do que viver

Não se consegue o domínio

Sobre sua própria vida

Escolhas de outros atrapalham a escalada

Apedrejamento constante

Respiração que fraqueja

Não importa onde esteja

A vida sempre me apedreja

73

Lágrimas escorriam pela face

Naquela noite escura e sem fim

Soluços de agonia

Suicídio

O fim deste suplício

Rápido, violento e certeiro

Acerte as horas com o ponteiro

Fim para a rotina

Entrando no vazio

Que consola os pensamentos

Amarguras

Corpos que afundam em fezes

Nesta criação de porcos em que vivemos

Adquira sua morte própria

O vácuo, o vazio

Seu silêncio consolador

Alivia as constantes torturas

Impostas pelo dia-a-dia

Eterno silêncio solitário

Estagnado e apodrecendo

Digestão que gera transformação

Eis a grande ambição!

PARTE II

O JULGAMENTO DE LÚCIFER

Alto no céu

Entre as nuvens macias

Em locais de ar puro e doce

De brisas adoráveis

E luminosidade amável

Em um trono dourado

Vive a divindade imaculada

Criadora do universo?

Mantenedora da vida?

Veja a divindade, pai celestial

Junte tuas mãos e grite para o céus

Nenhuma resposta, morrem os famélicos

Morrem os inocentes

Nos céus

Nas alturas infindáveis

Entre anjos e arcanjos

Seres sem sentido

Que apenas voam

E nada mais fazem

Servem aos prazeres

Da divindade gananciosa

Cuidam dos dízimos

Para que o sistema funcione

Seres imateriais

Realizadores de milagres

Precisam de dinheiro?

E a divindade pisou

Sobre sua suposta criação

Escravizou a mente de milhões

Devorando

A vida do povo inocente

Siga-me ou morra

Assim proclamou o divino

Sou teu senhor

Tu és meu escravo

Sou teu pastor

Tu és cordeiro para o abate

Tua carne me alimentarás

Teu sofrimento irá me divertir

Tu queres o pão?

Reze até morrer

Então não precisarás comer

Somente assim pararás de sofrer

Sou teu pastor

Protejo-te dos lobos

Para que eu coma tua carne

Para que decida sobre tua vida

E assim tu não precises pensar

Tu vives no escuro

Não necessitas de luz

Escravos não precisam pensar

Só precisam cegamente me amar

Queres a luz?

Ó povo que me serve

Eu sou teu deus

Decido o teu futuro

Luz isso tu não terás

Lúcifer não irá te iluminar

Pois com isso tu pensarás

A realidade tu enxergarás

Para não mais me amar

Os cordeiros devem seguir cegos

Obedecendo apenas ao pastor

Pastor, divindade, o grande abatedor

Inocule a irracionalidade em tua mente

Sim, Lúcifer, eu sou deus

Sou o rei, o imperador

Tenho o poder absoluto

Tua opinião não me interessa

Se tu ofertas o conhecimento ao povo

Logo eles verão que sou inexistente

Que sou apenas fruto da imaginação deles

Assim eu encontrarei meu fim

Ó Lúcifer fornecedor da luz

Luz do conhecimento e do saber

Para a terra não irás descer

Isso nunca poderá acontecer

Ou então eu irei morrer

Tu me desafias, Lúcifer?

Tentas desobedecer minhas ordens?

Queres que os homens se tornem deuses?

Conhecedores do bem e do mal?

Possuidores da razão?

Me chamas de assassino?

Sim eu me divirto

Rindo das preces alheias

Com um universo desse tamanho

Por que haveria eu de me importar

Com o que se passa

Neste pequeno e minúsculo planeta?

Que nada significa perante o todo

Foge de mim Lúcifer

Desobedeceu a divindade

Entregou ao povo o conhecimento

Eu sou a autoridade

E tu agora pagarás teu preço

Perdeste o meu apreço

Vais para debaixo da terra

Vais vagar com teu povo

Entre os homens e mulheres

Vais provar das imundícies humanas

No céu não entrarás

Das nuvens tu cairás

No fogo eternamente queimarás

E Lúcifer olhou para o alto

Para cima da divindade

Como podia?

Apenas por questionar

Por tentar a humanidade ajudar

Ser castigado de tal forma?

Os outros anjos riam

Com sorrisos malévolos

Característica de todo anjo

Que acham que são superiores

Desconhecem os temores

Daqueles que são sofredores

Lúcifer caiu imerso em dores

Afundou nas trevas

Rasgando-se nos espinhos das ervas

Soterrado abaixo da superfície

As asas queimadas

Desastre para criaturas aladas

A pele dilacerada

Sua luz iluminava a escuridão

Uma luz de vela em poderosa penumbra

Passaram-se os milênios

Ele aprisionado e esquecido

Pelo tempo enfraquecido

Quem dera pudesse morrer

Assim pararia de sofrer

Milênio após milênio

A humanidade sempre abandonada

Nenhum amputado foi curado

Nenhuma pessoa

Com deficiência genética

Teve seus males corrigidos

A fome toma conta do mundo

A dor torna o humano um imundo

Crianças morrem de fome

Inocentes são massacrados todos os dias

Lúcifer vê este sofrimento

E nada pode fazer

Deus é egoísta, nada quer fazer

Preso nos poços de fogo

Neste universo onde tudo é um jogo

Preso em jugo

Submissão nefasta para tal criatura

Precisa escapar por alguma abertura

Pois o tempo passou

E toda culpa ele levou

Pelo mal que a terra assolou

Sobre suas costas caíram

Os pesos dos erros da divindade

O povo em ignorância o acusou

Contra ele blasfemou

A divindade o humilhou

É preciso voltar para a terra

O julgamento o espera

Lúcifer deve ser julgado

O povo e a divindade

Assim decidiram

Antes já o preveniram

A história foi distorcida

A verdade foi esquecida

Os vencedores alteram os fatos

Mas são condenados pelos seus atos

Lúcifer erroneamente foi acusado

Pelo povo ignorante será julgado

E o juiz é um deus malvado

Vê o povo em tua frente?

Rebanho do pastor

Diz a divindade

Que Lúcifer é a raiz do mal

Responsável pela morte

Dos cordeiros cegos e fiéis

Se Lúcifer é tão poderoso

Então ele é um deus?

Ou será que deus é um fraco?

Deus criou o universo

E não consegue controlar os fatos

Onipotente, onisciente e onipresente

Não é capaz de evitar nenhum mal

Lúcifer jaz acorrentado ao chão

A pele queimada e dilacerada

A divindade em sua frente

Sentada em seu trono de ouro

Ao lado dela seu filho

Jesus, filho da vítima

Que a divindade se aproveitou

Com a ajuda de seus anjos seguidores

O povo arrebanhado

Boquiaberto com cena

Gritam eufóricos

Pensando ser isso mais um carnaval

Regado com promiscuidade e decadência

Vejam assim diz a divindade

Eis a fonte de todo o mal

O lado malévolo do universo

O anjo caído

Não proclama nenhum ruído

Está completamente destruído

Eu a divindade salvei a todos

Sou deus todo poderoso

Sou a verdade e a justiça

Sou onipotente

Sou onisciente

Sou onipresente

Sou o Senhor, bom pastor

Lúcifer do lamaçal

Quase sem nenhuma força vital

Responde as afirmações da divindade

E assusta a humanidade

Se tu ó divindade és onipresente e onisciente

Conheces todos os males

E está em todos os lugares

Por que no mundo ainda há o mal?

Se tu és onipotente e benevolente

Porque não acabas com o mal?

Conheces o mal e nada faz

Está em todos os lugares e possui muitos poderes

Ainda assim não acabas com o mal*

*- *este poema é baseado no Paradoxo de Epicuro.*

Por que o povo te chama de deus

Se não resolve nem os problemas teus?

Olhe para a história que já passou

Quando sangue se derramou

Em nome de tu, a quem chama deus

E quanto ao teu povo escolhido, os judeus

Por que não desceste dos céus

Para salvar os filhos teus

Quando estavam sendo assassinados

Nos campos de concentração aprisionados

Ó deus, estás colado ao teu trono

Coloca a culpa de teus erros

Naqueles que querem distância de teu abono

Ó deus tu não foste capaz

Nem mesmo de salvar teu filho

Entregou-o para a morte

Que pai indiferente tu és

Tu mandaste Abraão

Matar o próprio filho

Que tipo de deus és tu?

Matando crianças inocentes?

E todos os inocentes de Sodoma e Gomorra?

Se não havia adulto correto

O que me diz das crianças?

Que ainda desconhecem o bem e o mal

Matou-as cada uma

Por que deste livre-arbítrio ao homem

E depois proibiu o mesmo

De comer o fruto de uma árvore?

Por que colocou tal árvore no jardim?

Se tu és onisciente, então já saberia

O que o futuro reservaria

Qual escolha a humanidade faria

Se tu és onipresente, então poderia

Ter impedido a colheita do fruto proibido

Agora joga a culpa de tal ato

Sobre as costas de toda a humanidade

Deus, tu és criatura nefasta

Permitiu isso para torturar a humanidade

Diga-me deus

Se tu existes, quem te criou?

E quem foi o criador de teu criador?

Se afirmares que vós sempre existísseis

Então te excluo de minhas ideias

E passo a afirmar que o universo sempre existiu

Se tu existes não deveria ocupar

Algum lugar no tempo e espaço?

Se assim não o é

Então tu és apenas fruto da imaginação

Existe apenas nas sinapses

Dos neurônios das pessoas

Que procuram uma imagem paternal

Diga-me deus

Se tu fazes bem para as pessoas

Por que os criminosos acreditam em você?

Por que tu deixas inocentes morrerem?

Ó deus por que ordenas

Que sejam mortas as pessoas

Que trabalhem aos sábados? (Êxodo 31)

Não vejo pessoas sendo mortas nas ruas

Tu deus não cumpres as promessas?

Ou isso não agrada aos teus sacerdotes

Se eu Lúcifer sou a raiz do mal

Por que tu que és chamado de bom

Insiste em matar pessoas inocentes?

Tudo de bom ou ruim

Que acontece para as pessoas

Logo dizem ser seus desígnios

E isso basta calar os mais questionadores

Neste instante uma mulher

Se intromete ao diálogo

Questionando deus sobre a morte de seu filho

Logo um sacerdote intercede

Proclamando as palavras de deus

Ordenando que a mesma fique em silêncio

Pois essa é a lei de deus (1 Timóteo 2)

E deus é perfeito

Assim o fez a mulher para continuar viva

Se as pessoas crêem em deus
E acreditam que ele cura suas enfermidades
Por que elas insistem em procurar por médicos?
Não bastaria que elas rezassem
Para que tudo se resolvesse?
Se deus criou o mundo
Junto com tudo que o mundo contém
Por que ele criou as doenças?
Para fazer sua criação perfeita sofrer?
Seria deus um sádico
Que se diverte com o sofrimento alheio?
E tu deus, ainda se autoproclama o bom pastor
Imagine se fosse um mau pastor

Ó deus, quantos se curvam

Diante de imagens

Mesmo com suas ordens

Para que não se curvassem

Tuas falsas leis

São distorcidas

Porque o homem

Nunca falou com deus

E nem deus com o homem

Como pode o homem

Falar com o irreal?

Só pode estar imerso

Em profundo desespero

O desespero

Desgasta as pessoas

A inexistência de meios adequados

Para que superem os males

Faz as pessoas buscarem

Qualquer forma de se salvarem

Criam alguma imagem

Para elas venerarem

E tudo melhora

E o esforço próprio

Logo vira milagre

As pessoas perdem o mérito

De suas próprias conquistas

Quantas eras passaram

Quanto tempo ainda passará

Sendo eu, Lúcifer

Injustamente julgado

Levando a culpa por teus atos

Ó deus, quanto tempo mais

Ainda serei eu quem continuará

A carregar a culpa

Daquele que mata o próprio filho

Em um ritual sacrificial

Por quanto tempo mais?

E teu povo, são todos canibais?

Pelo menos vivem como tais

Ouça Lúcifer

Isto lhe faço saber

Eu como divindade

Criei uma identidade

Com a qual me faço perceber

Diante do povo a cada amanhecer

Faço-me de pai

Fato que os atrai

Sou um pai cruel

E odeio o doce do mel

Castigo qualquer erro

Com o maior esmero

Causando a morte, pois o perdão é ilusão

Como perdoar um pecado?

Se não há em realidade um pecado

Passado de geração a geração

As pessoas fazem o bem

Ou fazem o mal

Mas não é deus quem define

O significado de tais conceitos

Cada povo, cada cultura, cada geração

Cria uma definição

Que aplica para o bem e para o mal

Mas nós bem sabemos

Que o mal traz sofrimento para os viventes

E o bem traz a felicidade

Contem-me humanidade

Por que vocês criam leis

E usam de legisladores, tribunais

Precisam até de força militar

Para manterem a ordem social

Se deus define o bom e o mal

E pune os malvados

Para que criar outras leis

Para que punir os criminosos

Afinal, essa não seria a obrigação de deus?

Vocês são uma eterna contradição

Inventam e destroem suas invenções

Moldam as divindades conforme suas vontades

Morrem os inocentes

Vivem livres os corruptos de caráter

Isso é a justiça divina?

A sociedade é cruel, você nem imagina

Cada cultura criou deuses

À sua imagem e semelhança

Alguns nem mesmo ofertam esperança

Vida próspera se torna uma lembrança

Tudo vira pecado

Tudo passa a ser errado

As pessoas perdem sua liberdade de decidir

Não sabem nem o motivo de existirem

Afirmam que foram criadas para servirem... escravos

PARTE III

ALEGORIAS DA MORTE

I

De dentro das catacumbas leviatânicas
Um sopro de inverno dos mortos que ascendem
Dançam alegres bebês
Enforcados em seus cordões umbilicais
Ao som de estupros necrofílicos
Sou um cadáver que te banha em podridão
Eis me aqui jogado ao chão

O senhor dos Céus caiu por terra e morto agora ele jaz
Reino de mentiras que chega ao fim
A estrela da manhã renasce... brilhe! Viva!
Por detrás dos montes da vida chegam as luzes da verdade
Queimando as vidas dos cordeiros cegos
Contorcionistas das dores
Retorcem-se sobre suas covas coletivas
Ubi dubium ibi libertas... assim proclamaremos!

Preparamos a exumação
Daquilo que não deveria retornar
Mas em todos os corações há de sempre estar
Meu coração já não pulsa... é gelo, é escuridão
É teu fim certo, lento e sofrido
Névoas da escuridão rodeiam minha inexistência

Enquanto cinzas quentes queimam tua vida fraca

Você brinca com teu coração pulando sobre uma faca

E quando se der conta não saberá qual o teu berço

Será abortado de teu quente lar

Na cova coletiva de todos os não-vivos

Ali eternamente teus restos permanecerão

Em meio ao vazio e ao nada... apenas silêncio e escuridão

II

Mortos, mortos, mortos

Todos mortos

Inchados, tímpanos estourados, hahHahHAha

Quantos pequenos túmulos espalhados

Filhos que morrem antes dos pais

Ah! Mas quanta hipocrisia

A morte é uma doce maresia

O sangue e o apodrecimento

Lindos corpos desfeitos levados pelas águas

Tomemos dessas águas

Mortos nauseabundos

Eis no paladar o sabor da cadaverina

Enche nossas narinas com a putrescina

Somos os donos desta chacina

Asas quebradas, sonhos destruídos

O mentiroso já foi pregado

E ainda somos responsabilizados

A fruta roubada já foi digerida

A proibição só resultou em pecados

Infernal desígnio divino

Ah! Coloque a culpa no outro

Tudo é justificável

Puxe o gatilho e acabe com tudo

O chão é rígido e a prédio é alto

A vida é rápida!

Rostos que somem na névoa do tempo

Lembranças trancafiadas na mente

O tempo ainda é tempo

Passageiros por alguns instantes

Devorados pela escuridão

III

O que há para nós na vida
A triste e dolorosa realidade
Assustando e afastando a todo ser
Ah! Como somos tolos covardes
Queremos nossas fugas, nossos escapes
A vida é dor, não é Schopenhauer?
Mas eis que o que não nos mata, nos fortalece
Não é Nietzsche?
Sentimos, precisamos, apegamos
Temer a morte?
Temer a ausência do sentir?
Não sentir mais dor?
Por que temer tal estado, não é Epícuro?
Todas as profundas influências
Dos criadores de filosofias e de ciências
Jazem todos mortos
O mesmo destino
E eu?
Eu sorrio
Pois o mesmo destino deles
Também será o meu
A morte
Em algum momento ela vem

Não sabemos em qual esquina, não é Raul?

Mas uma hora ela vem

A vida tem um fim, isso eu sei que tem

IV

Arrastava-me para o alto
Fugindo dos males profundos
Para onde se enterraram minhas raízes?
Fundo, fundo, no fim do mundo
Um exército que marcha para a guerra
Passos pesados rumo ao fim
Arrastam-se todos para este lugar
No fundo, sem mundo, imundo
No fim do mundo
Chegamos ao topo
Perdemos nossas forças
Após toda escalada
Sempre há a descida novamente
Nenhuma mão para se agarrar
Nenhum ombro no qual chorar
Cuidado com quem se aproxima
Trazem uma faca escondida
Para te apunhalar
Quando você se abaixar
Para as forças recuperar
Esteja longe desta corja
Cruel realidade
Não há animal mais traiçoeiro

Do que estes símios sem pelos

A violência corre em nosso sangue

Tudo pelos nossos objetivos

Esse é o lema atual

Até que a morte nos faça parar

V

Pulsos rasgados

Coração perfurado

Movimentos proibidos

Ó deus por que não me salvou?

Mestre dos mestres

Tão morto

Como todos os mestres

Palavras distorcidas

Esquecidas

Levados com o vento

Destruídos com o tempo

Um deslize, uma morte

Uma moeda para o transporte

Rumo à inexistência

Um sorriso ao coveiro

Um abraço para a escuridão

VI

Em qualquer lugar

Em qualquer momento

Morte

Chega sorrateira

Captura com sua gadanha

Ceifando as vidas alheias

Morte escolhida

Morte reprimida

Vem porque queremos

Ou mesmo se não queremos

Tanto para o inseto

Para a flor

Ou para o humano

Sempre vem

Não diferencia ninguém

Destruindo sonhos

Aliviando sofrimentos

Acabando com esperanças

Enaltecendo momentos

Controladora da vida

És tu Morte!

VII

O frio aprofundando-se
A circulação sanguínea parando
Morrendo, estamos todos morrendo
Não há como respirar
Com esse mal que se espalha
Dominando as pessoas
Corrupção, traição, hipocrisia
Asfixiando nossas vidas
Confiança?
Ah! Sim! Em quem confiar?
Construamos nossos altos muros
Vamos viver isolados
Prendendo a nós mesmos
Para permanecermos em segurança
Nossos pequenos feudos urbanos
Claustrofobia certa para todos
Morte solitária e isolada
Asfixiados e gelados
Almas inocentes petrificadas de medo
Sem nunca terem conhecido a vida
Isolados atrás de suas muralhas
Junto ao silêncio dos mortos

VIII

É a morte que chega em palavras
Rápida e sem travas
Devastando tudo e todos
Secando campos
Expondo a terra sangrenta
Feito uma placenta
Em minhas mãos
Ah! Esse demônio incontrolável
Traz a dor, traz a morte
Venha comigo rumo ao inferno
Se você não sabe o que é sofrer
Logo vai desejar morrer
Morte é um alívio
Comparado a estar vivo
Em meio à esse convívio
Voando pelos ares imundos
Fuligem destruindo nossos pulmões
É o inferno!
É bem aqui na terra
Nós o criamos
Venha comigo
Vamos voar nas asas deste demônio
Morte palavreada

Asas de papel

Controlada por teus dedos

Ah! Esse inferno!

IX

Lá era meu lar

Mas este tempo se foi pelo ar

Meus olhos ressacam com a luz solar

Os urubus vêm para o manjar

Cotidiano destruidor

Pessoas ignorantes

Convívio ilusório

De frente ao mar

Uma árvore em uma encosta qualquer

Uma corda apertada ao pescoço

Balançando com a maresia

Ou os pulsos cortados por precaução

O sangue correndo ladeira abaixo

Encontrando a água salgada

O sol das ondas nas rochas

Um caranguejo arranca um naco de carne

De meu pé arroxeado

Morte gera vida

Ciclos complexos

Estatística que é para a vida

Também é para a morte

Carniceiros dos ares

Carniceiros dos mares

Venham até mim

Meu sangue indica o caminho

Meu cheiro orienta o apetite

Lá era meu lar

Esse tempo se foi pelo ar

E meu corpo se foi pelo mar

X

Luzes para o mundo

Em que reinam as trevas

Donde vem a luz para nos libertar

Destes males sangrentos

Charlatanismo por todos os lados

Morrem na ignorância

Do saber, do conhecimento

Eis donde vem a luz

Eis donde virá a vida

O conhecimento nos salva

A ciência

Nada de falsas alegorias

XI

Na vida tão finita
Curta e desprevenida
Morte é o que existe
Nisto é que consiste
O erro no qual você insiste
A fragmentação vital persiste
Preenche-nos de imundice
Enquanto as pessoas medíocres
Permanecem com suas tagarelices
Tingindo o mundo em cores ocres
Adentram em suas velhices
Nisso tu também sofres
Pois toda a riqueza dos cofres
Não te salvará
Da realidade que te espreita
Quando a sala se torna estreita
E sua visão se torna escura
O fim já te procura

XII

Morte àquele

Que tenta convencer

As pessoas com suas mentiras

O fim aguarda

Por aquele que vive na ilusão

E tenta criar uma falsa imagem

De que é superior aos outros

Quando na verdade

Já destruiu toda a própria vida

Ele agia de forma impulsiva

Tentando se sobressair

Conforme os tolos conceitos de superioridade social

Mas é uma vivência tão banal

Agora sofre, tentando se convencer

De suas próprias mentiras

As pessoas fingem que acreditam nele

Porém se contorcem em risos

Quando ele lhes dá as costas

A morte seria um alívio para ele

Já que nada mais lhe resta

Nem mesmo um amigo sequer

XIII

Os sonhos que não se tornam sonhos
Pois todo sonho é limitado
Pelas possibilidades de a realidade
O sonho pode ultrapassar
Apenas eventualmente tais limites
Entretanto, nunca avança
Para muito além deles
A arte de alcançar sonhos
Está atrelada a força de vontade
De aceitar a realidade
E tentar ampliá-las
Para que se torne mais agradável
Afinal, sonho é sonho
Quando alcançamos
A parte de algum
Ele se torna parte da realidade
Portanto devemos amar a realidade
Não o sonho
Caso contrário se o sonho se realizar
Deveremos apreciá-lo por ser agora parte da situação real?

XIV

Além do tempo e do espaço
A morte vem certeira
Destrói a mentira com suas incongruências
Destrói todas as suas sequências
Caem por terra
Todos os valores criados
Desfazem-se os aliados
Somem-se os difamados
Esquecem-se os afamados
Palavras que são apagadas
Da mente são lavadas

A morte vem certeira
Ruma para além do tempo e do espaço
Destrói uns
Cria outros
Um universo caótico
Gerações se lembram de alguns
Mas esquecem quase todos
Alteram quase tudo
Pois tudo muda
As vezes para melhor
As vezes para pior

XV

A realidade perde seu sentido

Dor... é o que resta

Insanidade...

Palavras e frases

Chegam aos meus ouvidos

E nem mesmo sei de que bocas vieram

Comiseração sem sentido

Misantropia é a salvação

Pura e absoluta

Dor... esta é a realidade

Vida sem dor

Talvez não seja vida

Onde está o mar de rosas?

Quero estar longe

De toda esta ladainha social

Um muro espesso é o que desejo

Entre eu e toda notícia mundana

Misantropia, eis a virtude

Poucas companhias importam

As outras são estatísticas sem importância

XVI

Cravado as raízes
Nas profundezas obscuras da terra
Mantendo-se firme
Com partes escondidas na escuridão
Será este
O único jeito de alcançar as alturas?
Deve haver uma melhor solução
Que para os problemas traga a resolução

Ó divindade morte e putrefata
Por que fizeste o mundo de tal jeito?
Ah! Engano-me
Nada fizeste
Nada podes fazer
Só podemos viver
E a cada novo dia sofrer
Das angústias humanas
Diante de nossa insignificância cósmica
Somos poeira caótica
Vagando de forma alheia
Escutaremos o canto da sereia?
Para afundarmos nesse mar de lamúrias?
Enraizamo-nos na escuridão da terra

Agora nos reunimos periodicamente
Com mãos atadas em súplicas
Perdendo palavras ao vento
Buscando por ajuda inexistente
Temendo a morte
Temendo a consequência de nossos atos

Ó divindade inexistente!
Fruto de fértil imaginação
Invocamos-te por alguma intervenção
Ao invés de fazermos alguma ação
Perdemos nossa noção?
A realidade se desfez nessa nação?
Tomados por plena ambição
Queremos ser filhos de deuses
Negamos o que realmente somos

XVII

Não há como levar

Uma existência de paz e tranquilidade

A paz é um mito alegórico

Frívolo e inexistente

Tudo que encontramos

É a morte, a dor e a guerra

Numa sociedade em decomposição

Esteja preparado para tal

Caso contrário

Muito mais tu sofrerás

Pessoas loucas, pessoas insanas

Querem apenas um bocado a mais para si

Pisam sobre todos os outros

Bem poderia a morte tudo resolver

Assim o fazem

Com guerras

Com assassinatos

E lindos suicídios

Diluindo todos os problemas

Em mares de sangue e pólvora

XVIII

Eu sou a morte

O choro do inocente maltratada

Sou o feto abortado

O pensamento do suicida

O gatilho disparado

Eu sou a dor

Do envenenamento fatal

Do parasita te devorando

Do câncer te destruindo

A dor da hemorragia grave

Eu sou o inferno

De tua vida mal resolvida

Sou tua doença não curada

A consciência de teus pensamentos pecaminosos

O inferno de teus erros passados

XIX

Vida: o ato mais diabólico
Constante cósmica do sofrimento
Muitos desejam seu fim
Apesar não quererem sair dela
Um vício terrível
Do qual não conseguem separar
Esperança é a ferramenta
Com a qual a vida os tortura
Esperar e esperar
Como perder
Aquilo que nunca tiveram
Esperam por divindades
Sendo que tudo que precisam
Sempre esteve bem aqui
Na torturadora Vida
Tão cruel, tão adorável
Quanto mais temerosa a pessoa
Mais ela implora
Por uma vida melhor após essa
Curvam-se diante de bonecos
Feitos de gesso, pedra ou madeira
Isso não é jeito de viver
Para estes sim a vida é cruel

Um fardo, uma tortura, uma provação

Para nós

A vida simplesmente é

Um lampejo no escuro

Viva, só isso, mais nada

XX

As penas queimam em chamas
Esquentando o mundo a todo dia
Os anjos apodrecem com suas asas flamejantes
Só resta ao povo se alimentar
Das podridões sacras que emergem do fogo
Carbono reestruturado e intoxicante
Tudo isso é nauseante

Levam os anjos ao fogo
Mantenham as chamas acessas
Queimando dentro de nós
O ódio fervilha diante da estupidez
Desgastando as sustentações existenciais
Divindades mortas de nada servem
E nós matamos a nossa há muito tempo
Agora vagamos livres pelo cosmos
A responsabilidade recaiu sobre nossas costas
Cresçamos, pois Papai morreu
Sem mais falsas justificativas para calamidades
Já temos a razão para entendermos
A profunda realidade de nossos atos

Os anjos queimam em nosso fogo

Iniciamos esta combustão

E vamos consumar nossa fornalha

Destruindo as tolas realidades alternativas

Pois só há uma significativa

Além de qualquer força imaginativa

Já ouço os ossos angelicais se quebrando

Pregos cravados na madeira

Prendendo a carne

De criaturas imaginárias

XXI

Dentro da escuridão cósmica
O reino das ilusões se desfaz
A luz do conhecimento dissipa as trevas
Simbologias abstratas caem por terra
A força interna emerge
O sangue derramado durante a noite
Coagula em copos quebrados
O frio corrói os ossos
Expostos entre as velhas vestes
Enfim livres
Encontramos o fim
A vida floresce
Seu fruto é devorado
Em pecados noturnos
O brilho anti-cósmico
Flui com a vida em ascensão
Um rio que nos leva a morte
Brilho eterno para olhos congelados
Fixos em um mesmo local
Cristais de gelo são adornos
Ferramentas do caos

O corpo estático na noite gélida

Tremores que se desfazem

Temores em expansão

Terrores

E todos os seus sabores

XXII

Abra seus olhos
Suspire a morte no ar
Encontre-se na escuridão
Sua mente é sua armadilha
Seus sonhos
Sua destruição
Consuma-se em sua evisceração

Temores inconscientes
A noite proeminente
Expandindo-se em tua mente
Pupilas dilatadas
Respiração estagnada
Forças para o diafragma
Sangue aspergido feito magma

Injeções inúteis
Bisturis não te salvarão
Não corra para o cirurgião
Logo para teu coração
Destrói-se sua criação

Fim para tua ambição

Desfaz-se a triste ilusão

Que foi tua vida vã

PARTE IV

POEMAS DIVERSOS

Num instante todo o mundo desmorona

Toda a fragilidade da vida se evidencia

Oh! Deus! Ignora aqueles que de tua ajuda precisam?

A frágil mente humana

Se dissolve e toda existência se distorce

Como curar a mente confusa

Que não distingue a realidade do sonho

Nervosismo, depressão

Nervos à flor da pele

Pânico

Maldita situação que se instaura

Minhas mãos parecem atadas

Impossibilitado de solucionar os problemas

Quem amo necessita de ajuda

Mas como resolver tal situação?

Como adentrar na mente humana

Modificar todos os males que ela sofreu

Voltar ao passado

Para evitar que o mal aconteça

Sem saber o que realmente aconteceu

Como descobrir o mal ocorrido que não presenciamos?

De mãos dadas e encontrando o futuro

Oh! Você sabe como isso é doce

Unidos nesse amor

Que a tudo supera

Com o poder desse amor

É que temos forças para lutar

Permaneceremos eternamente juntos

Na tristeza e na felicidade

Na doença e na saúde

Não importa a distância

Estamos sempre próximos um do outro

E nada mais importa

Ah! Sinto-a tão próxima

Tão constantemente próxima de meu coração

Nosso amor é nossa vida

É o recanto no qual encontramos

A felicidade e a tranquilidade

Com as forças desse amor

Eu vou cuidar de você

Sempre que você precisar

Olho o passado

E vejo que esse é o caminho certo a seguir

Traçamos o nosso destino

Mesmo que nem sempre possamos controlá-lo

Dia após dia montamos uma nova parte

Dos sonhos que tornaremos realidade

E quando digo isso

Não é apenas por dizer

Pois o maior dos meus sonhos

Era encontrar você, amar você

E ele se tornou realidade

Tempos difíceis sempre haverão

Infelizmente, é o preço que temos que pagar

Para alcançar os sonhos e a felicidade

Mas com você ao meu lado

Tudo é mais fácil de ser superado

A ampulheta marca o tempo
Sua areia se esvai diante de nossos olhos
O que é a vida afinal?
Um jogo difícil no qual nós estamos
Caminhos a serem escolhidos
Um amanhã que é sempre incerto
O coração marca o ritmo
A cada segundo uma batida
Sistematicamente convulsionando
Para o amanhã há apenas uma certeza
O meu amor por você
Acelera meu coração
Impulsiona inúmeras manifestações hormonais
Que se espalham por ordem de meu cérebro
Indo a todas as partes de meu corpo via sangue
Dopamina, adrenalina e endorfina
Se misturam numa dança molecular
Abraçando inúmeros neurônios
E se me perguntarem no que eu acredito
Eu responderei
Acredito em nosso amor
Pois não há religião ou superstição
Que me dê mais força e esperança
Do que este lindo sentimento
Que sinto por você a todo instante

Eu quero pegar em sua mão
Ver o amanhecer refletido em seus olhos
Esquecer do mundo
Pensar somente em você
Tê-la diante de mim
Em um abraço eterno
Ver teu lindo rosto
Iluminado pelo sol
Refletindo a energia da vida
Trazendo a alegria para nós

Eu quero beijar teus lábios
Sentir o sabor do amor
Inundar meus pensamentos
Com você
Pensar somente em você
Viver somente por você
Respirar teu doce perfume
Desvanecer em delírios amorosos
Esquecer do resto do mundo
Te ver diante de mim
Agraciando-me
Com teu lindo sorriso
Minha força vital

A vida só tem sentido
Com o teu amor
Quando sinto teu corpo
Abraçado ao meu
Este é o momento
Que a vida tem seu valor máximo
Sentir teus lábios
Em um doce beijo
Capaz de apagar
Todas as preocupações

E as noites passam
Todas tomadas pela sua presença
Em meus sonhos
Você está em todas as partes
Que possam haver em minha mente
Preenchendo meus pensamentos
Com belas lembranças
E doces desejos
Fazendo minha imaginação
Voar para lugares distantes
Esquecendo-me do presente

Minha vida
Só é uma vida completa

Com você ao meu lado
Anseio pelo futuro
Quando o nosso destino
Será feito apenas por nós dois
Sim, um caminho apenas para dois
Quando enfim este futuro chegar
Nossas vidas estarão realmente completas
Por enquanto temos que seguir
Enfrentando os obstáculos
Sem nunca desistir de nosso sonho maior
Sempre se lembrando deste objetivo
O sonho mais valioso
Pelo qual temos que lutar
Um sonho feito de vida
Feito de felicidade, amizade
e companheirismo
Feito de amor e paixão
Um sonho que transforma
Nossas vidas eram duas
Se tornam enfim apenas uma
Não a minha vida
Não a sua vida
Mas sim, a nossa vida
Eis o nosso maior objetivo

Fecho meus olhos

A todo instante

Levando minha imaginação

A trazer-me sua imagem

Saudade

Esta é a palavra

Que se repete

Em meus ouvidos

Amor

É o sentimento

Que domina minha mente

Teu olhar, tua respiração

Tua voz

Repetem-se em minha memória

O tempo que se arrasta

O tempo que não flui

Saudade

Ruim, mas também boa

Assim como o amor

Ela também pode trazer inspiração

Talvez

Uma das maneiras

De lidar com a vida

Seja saber usar

De forma construtiva

Tudo o que nos acontece

Seja bom ou ruim

Cabe a nós nos adaptarmos

Tirarmos algum benefício

Das diversas situações

Que encontramos na vida

Meu coração bate
Impulsiona o sangue em minhas veias
Escrevo com sangue
Escrevo com a vida
Mesmo que nenhuma rima
Eu enfim consiga

As palavras vêm até minha mente
Querem sair de dentro de mim
Procuram o papel
A saudade transborda e espalha-se
Organizando-se em sílabas
Preciso extravasar
A escrita é meu extravasador
Dos excessos da mente

A saudade ainda permanece
Então encho a cara
Com algum livro interessante
Nietzsche, Dawkins ou Russell
Se isso não resolver
Um pouco de taxonomia
Diminui a agonia
Aves, orquídeas, bromélias, insetos
Diversidade da vida

Que distraí a minha vida

Enquanto meu amor

Ainda está distante

Eu conto nos dedos

Os dias que ainda faltam

Para vê-la novamente

Enfim ficar contente

Um alívio para a mente

Com sorrisos mais frequentes

Ah! Saudade

Tempo que parece infinidade

Ampulheta paralisada

Relógios que não funcionam

Tempo que não gira

Não passa, não escapa

Não acaba

E a morte veio caminhando
Imersa em luxúrias imensuráveis
O olhar, o sorriso
A piscadela
Eu ouvia seus passos silenciosos
Tão atormentadores
Um rastro de sangue marcava o caminho
Quem sabe ainda marque
Levando até o escuro local
Onde se escondem os medos

No local onde jazem
Os cadáveres das divindades
Tantas nós criamos
E tantas nós matamos
Rolam pelo chão os corpos pútridos
Ainda sinto o cheiro da podridão humana
O odor tóxico e nefasto
Perfume de tempos presentes
Ah! Tão imaculado perfume
Nós juntávamos nossas mãos e orávamos
Pedíamos de tudo um pouco
Iguais crianças diante do papai Noel
Agora crescemos e vemos que era tudo ilusão

Arrependemos-nos

Pois se ao invés de ficarmos

Exalando palavras decoradas

Tivéssemos realmente agido

Ah! Quão lindo seria o tempo presente

Mas ainda há tempo

Sim, sempre há tempo para o tempo

Ainda podemos mudar

Podemos desviar o olhar da morte

Que chega antecipada

Enchendo o ambiente com seu cheiro azedo

Fechos os olhos

E vejo o futuro

A felicidade prospera

A paixão para sempre cresce

São os frutos de nosso amor

Você engrandece o mundo

O mundo nada é sem você

A tua existência

Completa a minha

Viver e ser feliz

Se tornam a mesma coisa

Contemplações de tua beleza

O futuro, ah!

Eu o vejo

Dia após dia ao teu lado

Te ver todos os dias

E até nos meus sonhos

Sempre me encontrar contigo

Isto é uma vida feliz

Sonhar, viver, amar
Vida que é um sonho
Doce e crua realidade
A crueza pode ser doce
Assim como uma fruta
Recém arrancada da árvore

A vida pode ser tão dura
Quanto mármore
Manchado de Sangue
Vida, marcada por lágrimas
Lágrimas sobre uma linha
Sinuosa, incerta, instável

Haja paciência
Para tudo saber esperar
Rastejar a passos lentos
Lidar com tantos contratempos
E a vida passando
Nós todos desatentos
Não percebemos a morte chegando

Suplicar para o ar
Vontade de gritar
Ah! Minha carne eu quero rasgar
Gritos, lágrimas, dor
Dor sem lesão física
Dor de tristeza
Mais dolorosa do que cortes
Não há anestésico
Para aliviá-la
Dor da vida cotidiana
Corrói, destrói
Quando nos recuperamos
Iguais nós já não estamos
Adaptamos, evoluímos
A casca fica mais grossa
O pensar, mais sério
O que antes preocupava
Agora parece tolice
Pura idiotice
De cada queda
Nos levantamos mais secos
Tememos que o amolecimento
Traga novamente algum sofrimento

Noite silenciosa
Ouço apenas minha respiração
O tique-taque do relógio
Meu coração com batidas intensas
Diante de tão belos pensamentos

Meu olhar percorre o firmamento
Tudo escuro, tudo frio, distante
Mais ainda há alegria
Pois você está aqui comigo
Em meus pensamentos e sentimentos

Você sempre está junto de mim
No sorriso que segue a memória
Na lágrima que percorre a face
No sonho que chega durante o sono
Nos devaneios que atraem meu consciente

Incansavelmente repetir
Incansavelmente falar, proclamar
E sempre declarar
Pois isto não há como negar
Todo segundo estou sempre a te amar

695

Tantas palavras escaparam

Pelo sangue que escorria de minha cabeça

Extravasaram pelo chão

Espalharam-se pelos ares

Sangue em letras

Expulsas de meu corpo

Por meus dedos

Meus olhos

Meu cérebro

Tudo se foi

E já nem me lembro mais de tudo

Pois o tudo às vezes parece nada

Sempre há a vontade de recomeçar tudo

Tudo diferente

Porque o tudo não parece nada bom

O longo caminho marcado

Ainda parece curto

Aproximadamente três anos

Brincando de juntar palavras

E denominá-las de poemas

Em anos anteriores um livro
Junto dos poemas vieram os contos
Palavras que surgem de todos os recantos
Ocultas na mente com seus encantos
Ah! Meus livros, minha vida, minha mente
Antropofagia ou seria “Antropophagya”
Assim que tudo começou
Nasceu então “Necrophagya”
Depois veio o “Antrophagya addendum”
O louvor à minha Emili, “Emili meae laudes”

“Sociedade Insana”
O filho primogênito
Só se tornou público por último

“Irracionalidade grotesca”
O filho abortado que se foi
“Hematophagya” ficou só na ideia
Filho planejado, mas não criado
Ah! Meus livros, meus filhos
A última gestação está sendo longa
Gêmeos diferentes
“Alegorias da existência” e “Deicídio”

“Destruindo paradigmas”

Está demorando a crescer

Talvez fique meio fraco

Mas perigoso nas palavras

Ah! Meus livros, meus pensamentos

Palavras

Que nunca acabem

Passatempo

Reflexões para mim mesmo

Sequências de dias

Passam diante de meus olhos

Viver, crescer, morrer

Tudo se perde no tempo

E eu também me perco

Cada dia que passa

Mais um passo rumo à morte

Inevitável, inescapável

Governos sobem

Governos caem

Países se desenvolvem

Outros se explodem

E que importa afinal?

Tolas preocupações humanas

Nada somos diante do universo

Apenas existimos

O tempo e a imensidão dos cosmos

Nos devoram lentamente

Enquanto vagamos em nosso planetinha

Tão minúsculo e tão torturado por nós

Vagamos e viajamos

Sem rumo certo

Cheios de grandes ambições ridículas

E nos achamos tão importantes

“Filhos de deus”

Quanta preponderância

Somos filhos da terra

Emergidos da poeira do universo

Produto reciclado é o que somos

Só isso nada mais

Que visão do mundo eu tenho
Muito mais crítica e realista
Do que muitos que conheço
Que me interpretam mal as palavras
Pois não possuem capacidade de entenderem
A realidade do mundo
Ou me julgam errado
Por não querer viver como eles

É pena não podermos alcançar nossas utopias
Sempre há algo que nos impede
De realizarmos nossos sonhos por completo
O objetivo nunca é como o esperado
Ou se perde tão logo o alcançamos
E quando achamos que a felicidade
Está em nossas mãos
Logo percebemos que tudo se desfaz
Com a menor brisa em sentido contrário

É doloroso viver
Exige resistência
E acima de tudo paciência
Por que somos extremamente fracos

E impossibilitados

Diante das adversidades que encontramos

Pensar, esperar

Uma solução tentar encontrar

Para alguns passos avançar

O fogo queima, avança, destrói
As cinzas criam e recriam
Da morte a vida renasce
O ciclo se refaz
Tudo volta à origem

A chuva cai
A água umedece, molha
Infiltra-se e mistura-se
Tudo se torna algo novo
O que antes era
Já não é mais
E o novo misturado surge

O que foi
Já se foi
O que é
Nunca será
Até amará
Mas nunca se tornará
A morte lhe roubará